

# REVISITANDO OS MESTRES DA SUSPEITA

## RESUMO

O presente artigo repassa o panorama de ideias deixado por Marx, Freud, Nietzsche, intitulados os Mestres da Suspeita, aliando a eles Feuerbach. Em um sobrevoo, o artigo pretende identificar a viga transversal que suporta o pensamento dos quatro filósofos, indagando, sobretudo, o porquê de sua angústia.

Palavras-chave: Marx. Freud. Nietzsche. Cristianismo. Angústia.

## 1 INTRODUÇÃO

Por quê?

Esta é a pergunta que move e sempre moveu a filosofia, ainda que oculta sobre outros mantos – qual a verdade? O que é o bem? O que é a ética? – tornando-a a mais inquietante das atividades humanas, sobretudo por estar muitas vezes dirigida àquilo que é considerado mais óbvio, mais pacífico, mais aceito.

Milênios de sua prática terminaram por evidenciar – conforme se verá no pensamento dos Mestres da Suspeita – que seu exercício está sujeito àquilo que se percebe mais facilmente nos sentidos humanos: as percepções – leiam-se, conclusões – se alteram, conforme variam as referências que as sustentam.

A razão e os sentidos são assim tão semelhantes que seria mesmo possível afirmar que a primeira não é mais do que um dos sentidos humanos, como a visão, o olfato ou o tato.

Os resultados obtidos de seu exercício estão sujeitos às mesmas influências exercidas sobre os demais sentidos pelo tempo, pelo espaço e pelas características pessoais do observador.

Assim é que um objeto observado em certo espaço, em um determinado período temporal, por um observador “A”, poderá apresentar características absolutamente diversas, se alterarmos qualquer um dos elementos, nesta operação, para o observador “B”.

De igual forma, a apreensão racional de um determinado fato poderá conduzir a conclusões completamente diferentes, uma vez alteradas as

condições temporais ou espaciais – geográficas, por exemplo – que envolvam dois observadores.

Quanto à razão, porém – e esta é uma diferença relevante para o mundo material colhido pelos sentidos – gera, ela mesma, novos fatos, ou seja, cada nova interpretação ou visão torna-se, ela própria, objeto de interpretação e observação que por sua vez também se altera quando banhada por uma nova luz espaço-temporal diferente.

Nesse sentido, a importância de revisitar o pensamento humano produzido em certo período. Não na busca de uma suposta verdade sobre tal pensamento: verdade não há – existem tão somente objetos iluminados de forma diferentes, observados em circunstâncias – espaciais, temporais e pessoais – diferentes.

Não se deve sucumbir a esta tentação – a de se encontrar uma verdade – para que o “por que” não se veja encerrado em túmulos: rótulos prontos; estereótipos invencíveis; conclusões e considerações perfeitas e acabadas, algumas vezes simplesmente preconceituosas, outras tantas tão somente deslumbradas, tudo como se o pensamento humano pudesse ser cristalizado em verdades absolutas, da qual tudo já se sabe.

A revisita deve ser feita com o olhar – como diz Rubens Alves – da criança que caminha pelo mundo: com o olhar da perplexidade daquele que vê pela primeira vez, se deixando iluminar pelas novas luzes que os dias trouxeram e pela posição provavelmente distante daquela onde estavam seus antecessores.

Sobretudo, este passeio que se propõe, deve se inspirar no mesmo ardor que moveu aqueles que já não admitiam – de tal forma que a própria história lhes outorgou o título de “Mestres da Suspeita” – ser a verdade algo que pode ser capturado como um pássaro e encerrado em uma gaiola de ouro – a gaiola das convicções humanas.

Indagar-se-á então, não apenas por que suspeitaram, mas por que chegaram às conclusões às quais chegaram e, sobretudo, como chegaram até elas? – sempre na certeza de que não se alcançará ilações incontestáveis que representem a glória de uma análise, ainda que realizada da forma mais competente e acurada o possível.

Este estudo será apenas mais uma criança a sair para ver o mundo.

## **2 SUSPEITAR – UMA REAÇÃO DAQUELE QUE SE INQUIETA**

O olhar que os três pensadores – Marx, Nietzsche e Freud – deitam sobre seu mundo, é mais do que um simples indagar sobre a condição humana – seja em seu conteúdo metafísico, seja em seu âmbito existencial, aqui compreendido sua inserção social.

Como há muito se reconhece, os três pensadores reagem ao encantamento narcísico que se mostra como a pedra fundamental de todo o edifício da racionalidade ocidental, construído desde a Grécia até aqueles dias: o homem é a criação suprema – da natureza ou de Deus, como se preferir – porque só ele possui a pedra mais preciosa de todo o universo, a chave de todos os problemas, a vara de condão capaz de tudo explicar e resolver: a razão.

Contudo, Marx, Nietzsche e Freud não apenas parecem se opor a esse valor outorgado à razão. Os três pensadores, mais do que isso e principalmente, se mostram inquietos, perturbados – ainda que muitas vezes expressem até mesmo um otimismo – sobre onde esta forma de ver o mundo conduzirá a raça humana.

Sua inquietude se mostra profunda por ver que jactância humana contamina todas as formas de seu pensar. Tamanha sua presença, ela se revela quase uma unanimidade, uma obrigatoriedade, uma ditadura.

Mesmo onde o ser humano se confronta com o subjetivo ou o metafísico, sua racionalidade, a tentar medir, catalogar, descrever, encontrar a relação de causa e efeito, enfim, objetivar, encarcera o ser humano em seu próprio tamanho, ou melhor, em sua própria pequenez.

Muito poderia ser buscado em seus escritos, para evidenciar que tais pensadores não se dirigiam contra este ou aquele tema em especial, mas sim na forma de pensar que cortava de forma transversal toda a vida moderna e a angústia de perceber qual seria o seu futuro.

Se tomássemos o pensamento integral de cada um, já se perceberia esta diversidade: Marx – a sociedade diante da realidade sobrevivência material; Nietzsche – a sociedade face à necessidade relacional; e Freud – o homem frente a si mesmo.

Para os fins deste trabalho, se tomará a vertente religiosa como guia, não porque ela tenha sido mais central ou mais presente na obra desses pensadores, mas tão somente porque ela muitas vezes é a mais vitimada pelos preconceitos e estereótipos que se mencionou anteriormente. *In vero*, se constatará que a vertente religiosa bem poderia ter seu nome substituído pela alcunha de “política” ou “social”, sem que qualquer prejuízo houvesse para os raciocínios aqui produzidos.

### **3 DA VERTENTE RELIGIOSA – QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS, AFASTANDO PRECONCEITOS**

Alguns dos escritos dos Mestres da Suspeita, aos quais pode se somar Feuerbach, abordaram e contraditaram a religião de seu tempo, o mundo religioso que no qual estavam imersos e conheciam.

A afirmação acima, aparentemente simples e apenas localizadora do pensamento filosófico que será objeto de análise, possui um conteúdo que muitas vezes é desconsiderado pelo leitor mais açodado ou desatento.

Neste sentido, por exemplo, não é possível, para melhor compreender o discurso construído pelos Mestres, deixar de considerar o fato de que sua hostilidade se voltava para uma vertente específica do Cristianismo, qual seja, o luteranismo que dominava, naquela época, a região geográfica no qual aqueles pensadores viviam.

A mera leitura dos textos dos Mestres através desta lente faz compreender uma série de rejeições por eles propugnadas, não da própria religião, mas da religião na forma sustentada pelo luteranismo.

Não estava Feuerbach, ao defender a prática do amor na vida humana real e concreta, reagindo à uma religião que pregava o absoluto descolamento da salvação da alma de tudo aquilo que o homem poderia praticar para tentar obtê-la? Ou, em outras palavras, não estava ele inconformado com aqueles que glorificavam a misericórdia divina, mas que repeliam a teoria da justificação pelas obras: “<<Não são as boas acções [sic] que fazem o homem bom; mas, inversamente, é o homem bom que pratica as boas acções [sic]. Do mesmo modo não são as obras más que fazem o homem mau; mas é o homem mau que comete obras más>>” (SPENLÉ, 1955, p. 10).

Ou Nietzsche, enquanto proclamava a morte de Deus, não afirmava que: “<<Lutero será sempre para nós, o acontecimento alemão mais recente>> [...]” (SPENLÉ, 1995, p. 7).

Não estavam lutando esses pensadores contra um Cristianismo que pregava não estar ao alcance do homem se salvar, por estar ele inteiramente dependente de seu Deus?

E qual a resposta deles: Deus não é mais do que uma projeção do homem – como pode ser o homem, portanto, dependente de Deus? Deus é apenas um instrumento de domínio da sociedade – como a sociedade precisaria de Deus para se salvar? Deus será substituído pelo “super-homem” – o homem, em breve, reconhecerá a si próprio como seu Deus; Deus é apenas um estágio de nossa evolução psicológica – a superação da ideia de Deus é uma mera questão de tempo.

Por outro lado, mesmo se desconsiderada qual forma de religião esses pensadores tentavam confrontar, sobejaria impossível deixar de observar a miopia europeia no tratamento do tema, ou seja, o eurocentrismo que sempre contaminou a filosofia daquele continente.

Muitos que abominam a hostilidade de Feuerbach à religião, não observam que o referido autor trata o Cristianismo como se este fosse a verdadeira expressão da religião, a mais importante e séria, quiçá a única do mundo, quando na verdade o Cristianismo, enquanto religião, apesar de ser a mais numerosa, não reúne mais do que um terço da humanidade em seu rebanho<sup>1</sup>.

Soa mesmo ingênuo, se levado ao pé da letra, todo o discurso de Nietzsche sobre a religião dos escravos (judeus), quando hoje se pensa em todas as religiões e suas derivações existentes no mundo, muitas das quais sequer ouviram falar do próprio Cristo, quanto mais da saga do povo judeu.

Por fim, não é demais observar também que, em sua abordagem da religião, nenhum os quatro filósofos ataca elementos históricos, ensinamentos

---

<sup>1</sup>Berkenbrock informa que, atualmente, as quatro maiores tradições religiosas da humanidade em número de fiéis, no mundo, são: “o Cristianismo (33%), o Islã (22%), o Hinduísmo (15%) e o Budismo (6%), representando 76% da população do mundo. E os outros 24 % da humanidade? A maior parte desse percentual que não pertence a um dos quatro maiores grupos religiosos do mundo é composta por pessoas não religiosas” (BERKENBROCK, 2019, p. 20). Por outro lado, a religião que mais cresce é a do Islã, tendo triplicado seu número de adeptos desde 1960 até os dias de hoje.

doutrinários ou dogmas do Cristianismo, mas sempre desprezam a religiosidade em seu papel integral e abstrato, buscando desmontar o seu caráter de conexão com o mundo metafísico – aquele que o homem crê existir para além de sua realidade material – questionando para tanto aquilo no qual a ponte se apoia do outro lado: Deus, a vida após a morte ou qualquer valor/possibilidade de existência de algo que transcenda o mundo que nos é sensível.

Se assim o fazem – e este é um elemento que corta transversalmente todas as quatro doutrinas – é de se indagar: o que instiga pensadores com discurso tão diversos – existencial, psicológico ou econômico – a esboçar uma mesma reação?

E por que dentro de uma seção específica de nossa cultura? Porque a religião se tornou o objeto comum de suspeita entre filósofos que exploravam veios que, aparentemente, pouco ou mesmo nada tinham de sincrônico.

Uma possível resposta estaria na presença esmagadora do Luteranismo na formação sociocultural da Alemanha de então. Mas, seria só isso?

#### **4 A INQUIETAÇÃO**

Uma leitura em forma de mosaico do conjunto de textos dos Mestres da Suspeita deixa entrever que não se trata apenas de repulsa, mas sim que os pensadores estão verdadeiramente tomados por uma angústia.

Um observador mais açodado poderia apontar: os Mestres da Suspeita estão aflitos com o homem esmagado pelas ideias falsas da metafísica.

Contudo, um pouco mais de cuidado no exame, deixa entrever que olhar dos três, e certamente também o de Feuerbach, está dirigido para o futuro e que, portanto, os Mestres veem algo no futuro do homem que lhes causa desconforto, que lhes causa medo. Mesmo quando se esforçam em esboçar otimismo, a incerteza e a insegurança contaminam o discurso.

A suspeita, ou a angústia, dos Mestres parece se estabelecer como apogeu de um longo processo iniciado no iluminismo, quando o homem desperta para o processo científico e, em paralelo, abraça o subjetivismo no campo filosófico.

Os Mestres da Suspeita não são mais, ou ainda, são exatamente o Iluminismo levado às últimas consequências.

Neste sentido, observe-se o raciocínio de Feuerbach que escolhe como objeto justamente aquilo que, ao lado da metafísica filosófica, mais se aproxima do relacionamento com um mundo para além da materialidade, qual seja, a religião.

Não estava Feuerbach a fazer exatamente aquilo que Copérnico fez em sua tão afamada “revolução”, quando inverteu o ponto de referência de observação, descobrindo que era a Terra que girava em torno do Sol e não o Sol em torno da Terra?

Feuerbach, *in vero*, tão somente inverteu o raciocínio então vigente para dizer que não era o homem que girava em torno de Deus, mas era o Sol que girava em torno do homem.

O nome de Copérnico aqui si utiliza apenas como referência do início do Iluminismo científico e filosófico, vez que este certamente não pode ser compreendido como um processo que se resume a um homem apenas, nem mesmo seu começo.

É certo que, dele em diante, o homem deveria ter aprendido – e, se não o fez, terminou por fazê-lo de forma amarga com os Mestres da Suspeita – que a verdade no mundo material depende sempre da referência, do ponto de onde se observa.

Nada, verdadeiramente nada, possui uma verdade absoluta – tudo está submetido ao ponto de referência do qual se observa – isso se aplica no mundo sensível, assim como ao mundo da racionalidade humana.

A afirmação acima não deve ser lida como uma declaração de ceticismo, à semelhança daquele que contaminou o discurso dos Mestres, em muitos momentos, sobretudo de Nietzsche.

A aflição dos Mestres da Suspeita se deu na projeção radical daquilo que o homem levou 300 anos para concluir: sem guias, despojada até mesmo da referência Divina – a última trincheira a cair diante de sua interpenetração em todos os níveis da cultura europeia de então – a sociedade se dissolve em uma massa disforme, desnorteada, sem vida.

## 5 OS ÚLTIMOS RACIONALISTAS

É possível afirmar que, ao levar o Iluminismo, o racionalismo, às suas últimas consequências, ainda que de forma teórica, os Mestres da Suspeita foram os representantes máximos deste mesmo Iluminismo que tanto criticavam.

Esta não foi, entretanto, a única a ironia – uma ainda mais curiosa se deu: embora tenham hostilizado a religião cristã, a “trinca de Mestres”, sem que nada houvesse sido combinado ou arranjado, se dirigiram cada um contra um dos temas em que, segundo o Cristianismo, deveria o homem se aprimorar.

É sabido que, ao pregar que seus seguidores se dedicassem ao jejum, à esmola e à oração, Cristo – ou o evangelista que falou em seu nome, se assim se preferir – estava se orientando pelas três dimensões nas quais o homem verte a sua existência: o seu próprio eu; ele em relação ao outro; e, por fim, sua relação com Deus.

Neste sentido: no jejum, o homem está em um diálogo consigo mesmo, buscando conhecer o que lhe escraviza, o que o controla, enquanto pensa ser ele o senhor. Na esmola, sua relação com o outro; não apenas o reconhecimento do outro, mas o reconhecimento de si mesmo, de sua fragilidade, de suas necessidades, no outro. E na oração, seu diálogo com Deus.

Cada um dos Mestres tomará uma dessas vertentes para projetar e observar o que restaria, quando até mesmo o último referencial Metafísico, aquele mais aceito e, portanto, quase indestrutível, fosse removido.

Assim, o que restaria do homem em seu diálogo consigo mesmo – o jejum que teria o propósito de torná-lo melhor – senão um animal assombrado por seus próprios fantasmas, fruto de mecanismos psicológicos incontroláveis, enraizados em sua infância e em seus instintos animais.

E Marx: a sociedade não se resumiria, efetivamente, à uma mera luta pela sobrevivência na qual o “eu” é a única conjugação possível – o outro é tão somente um obstáculo ou, quando um muito, apenas um meio para se alcançar a subsistência?



Por fim, em seu encontro com Deus: qual Deus, se Deus não há? O homem deve se tornar seu Deus – Nietzsche.

Por trás desses raciocínios, não está exatamente a “suspeita” contra os temas que abordam – seja a religião, a economia, a política ou outro assunto qualquer.

Não está sequer uma possível “suspeita” contra o iluminismo/racionalismo.

Está, na verdade, conforme acima mencionado, o iluminismo levado às suas últimas consequências.

E a última consequência da ciência, do racionalismo, do iluminismo, é de que a verdade depende do ponto de observação onde aquele que a professa se encontra: o homem não descobre a verdade – como o fato do Sol girar em torno da Terra. Esta era a verdade para os antigos, enquanto estes faziam suas observações do ponto onde estavam.

O que Copérnico e muitos outros fizeram, foi alterar o ponto de observação e, a partir de então, a verdade se alterou. É possível afirmar, de forma absoluta, que a Terra gira em torno do Sol? Não. Enquanto não encontrarmos outro ponto de observação, esta será a verdade – amanhã, talvez não.

E qual o ponto final do Iluminismo? Onde nos levará a constante incerteza?

Nietzsche responde de forma dramática: ao nada do abismo.

Ele estaria certo? Retomemos do ponto onde os Mestres pararam... a religião.

## **6 O NADA NÃO É A NEGAÇÃO: O VERDADEIRO ATEÍSMO É A INDIFERENÇA.**

Negar não significa estabelecer o nada: quem nega se opõe a algo e, portanto, precisa reconhecer, ao menos inicialmente, a existência daquilo que nega.

Portanto, diferentemente do que a própria Igreja Católica pensou, a proposta dos Mestres da Suspeita não se prestava ao ateísmo, ao agnosticismo ou seus equivalentes, visto que o propósito final de tais movimentos resulta de uma forma ou de outra, em sustentar a não existência

de Deus e, portanto, concedem a esta ideia, ainda que inicialmente, algum valor.

O nada é a indiferença, é o não ter valor.

O texto que se segue não é de Nietzsche, não faz referência a ele ou a sua obra, mas em verdade poderia ter sido tirada dela, a não ser pelo fato de que Nietzsche fazia uma profecia e o texto que se segue, descreve uma situação atual:

“Para muitos de nossos contemporâneos, o problema religioso nem sequer é um problema. O ateísmo se banalizou, desapareceu, assim como o fenômeno religioso que o fez surgir, tornando-se o horizonte neutro da existência”, escreve René Le Corre. Ele acrescenta ainda “A indiferença pura está próxima, já está aí, apesar das aparências”. O ateísmo engajado e agressivo não desapareceu inteiramente, mas foi substituído por um ateísmo tranquilo, sinônimo de indiferença: “Esse ateísmo é evidente. Nem sequer se pensa mais como tal”. Ele não briga mais com as religiões, que se tornaram simples objetos de estudo. Aliás, a voga dos estudos religiosos não é, paradoxalmente, um sinal do assolamento das religiões? Reduzidas à condição de fenômenos culturais, podem ser estudadas como tais [...] (MINOIS, 2014, p. 711).

O nada, entretanto, não está apenas na religião: ele tão somente se percebe melhor na religião. A completa relativização das referências se espalha por todo o ambiente vivencial humano, da política à família, da economia à escola, da história ao direito.

Assim é que os últimos anos do século XX e o início do novo milênio, assistiram assombrados o derretimento dos padrões familiares conhecidos, resultando na geração de uma gama de espécies e subespécies de famílias a desafiar até mesmo os estudiosos do tema.

Não está aqui a se fazer um discurso crítico conservador que prega a “decadência da família”. Se a questão fosse uma “decadência”, talvez ainda fosse melhor, vez que aquilo que “decai” pode, na maioria das vezes, reascender.

É a “aceitação” – tomada por absoluta indiferença – de que a família pode assumir outros múltiplos formatos, distante daquele modelo que a civilização cunhou como “certo” para si.

Nestes anos de “nada”, não passa a história por constantes “revisões”? Aquilo que foi certo torna-se errado; o errado torna-se certo; ou, ainda pior, se sustenta que o errado ou o certo na verdade sequer existiram ...

A política foi tomada por um caleidoscópio de “agregações políticas” que terminam por nada representar, em razão de representarem tudo. As sociedades, desenvolvidas ou não, viram ascender uma plêiade de “líderes” que não conseguem liderar, porque seus eleitores, súditos ou semelhantes os ouvem com indiferença. Nesta seara, é bem verdade, existem aqueles ainda saudosistas de uma ordem onde “tudo estava certo” e, de outro lado, outros tantos que insistem em se rebelar contra uma ordem que, simplesmente, não existe mais.

Até mesmo as divisões naturais do gênero da espécie – homem e mulher – se desmancharam em zonas cinzentas, bebendo da fonte psicológica, aberta na pedra por Freud, para o que se intitula modernamente de ideologia de gênero.

Nas palavras de Bauman: o mundo se tornou líquido – não há terra firme, com raríssimas exceções, exceções essas a cada momento mais raras – que permita homem firmar seu entendimento (BAUMAN, 2001, p. 248).

E a sociedade: esta assiste simplesmente indiferente, como que enfasiada, somente encontrando algum prazer nas inovações tecnológicas que a ciência, em igual ritmo, lhe oferece.

O homem se esvaziou de suas referências e, por consequência, de uma direção para onde seguir:

Há uma selvageria totalmente índia, particular ao sangue dos peles-vermelhas, na maneira como os americanos aspiram ao ouro; e seu frenesi do trabalho – o verdadeiro vício do novo mundo – já começa a contaminar a velha Europa, a torná-la selvagem ao propagar uma falta de espírito de todo singular. Agora se tem vergonha do repouso; parece que se morde os dedos ao pensar em meditar. Reflete-se de relógio na mão, mesmo quando se está almoçando, com um olho no andamento da bolsa de valores – vive-se como alguém que sem cessar tivesse medo de “deixar escapar” alguma coisa. “É preferível fazer qualquer coisa do que não fazer nada” – esse princípio também é uma corda apropriada para estrangular todo gosto superior. E do mesmo modo que todas as formas desaparecem num piscar de olhos nesse labor frenético, assim também perecem o sentimento da forma, o ouvido e a vista pela melodia do movimento. ... De fato, a caça ao ganho força o espírito a se esgotar numa dissimulação sem trégua, numa ilusão permanente ou na preocupação de desmascarar o outro: a verdadeira virtude consiste agora em superar o vizinho (NIETZSCHE, 2008, p. 190)

E esta ausência de um rumo, de um farol a iluminar o caminho, se refletiu, conforme se mencionou acima, na religião – ou será que foi em toda a sociedade?

A tecnologia fragmentada venceu a inteligência, a moral, a compreensão global do mundo. Nesse naufrágio da racionalidade, a própria questão de Deus perdeu o sentido. Esse é um fato capital: é a primeira vez que ele acontece na história, e por isso o futuro é imprevisível. Se hoje não se vê mais a necessidade de afirmar ou negar a existência de Deus, é porque o espírito humano está capitulando diante das forças de dispersão. A ideia de Deus era uma maneira de apreender o universo inteiro e lhe dar sentido, posicionando-se em relação ao Ser: o teísta lhe atribuía a direção do conjunto; o ateu a retirava dele e encarregava o homem de dar sentido ao mundo. Hoje, um e outro parecem superados pela atomização do saber. A divisão não parece mais ser entre crentes e descrentes, mas entre os que afirmam a possibilidade racional de pensar globalmente o mundo, num modo divino ou num modo ateu, e os que se limitam a uma visão fragmentária, na qual predomina o aqui e agora, o imediato localizado. Se essa segunda atitude ganhar, isso significa que a humanidade terá abdicado de sua busca de sentido (MINOIS, 2014, p. 724).

## **7 CONCLUSÃO?**

Os Mestres da Suspeita parecem confiar no homem. Apontam sempre a capacidade que o Homem teria para superar a beirada do abismo e construir, usando sua racionalidade, um novo homem, uma nova sociedade, um novo caminho.

É certo, entretanto, que os Mestres estão aquém do abismo, no qual o homem, conforme eles haviam previsto inicialmente, iria cair.

O processo, como acima mencionado, ainda não encontrou seu termo, nem diminuiu seu compasso. Ao contrário, continua a avançar.

Ainda que não ofereçam a resposta, o trabalho dos Mestres da Suspeita talvez facilite encontrá-la, vez que extremam os efeitos da falha ocorrida, permitindo percebê-la mais facilmente.

Seria a mais absoluta tolice, agora que se percebe o acerto de suas previsões, escutar com “ouvidos apologéticos” o discurso em que Nietzsche apregoa que nós matamos Deus, reduzindo esta ideia a um mero gesto de agressão à religião ou, ainda pior, uma mesquinha agressão ao Cristianismo.

Matamos Deus ao submetê-lo à pequenez humana, ao reduzi-lo às mesmas limitações do ser humano, sobretudo, ao imaginar que Deus pode ser

provado, compreendido ou explicado pela mísera racionalidade humana que sequer a si mesmo pode explicar ou compreender.

Todas as qualidades que atribuímos a Deus – onipresença, onisciência, eternidade e tantas mais – somente fazem inseri-lo na realidade humana, limitada ao espaço e ao tempo: para ser onipresente, Deus obviamente está em algum espaço; para ser eterno, Deus inelutavelmente vive no tempo, como nós; para ser todo-poderoso, Deus tem poder.

Nada pode existir de mais humano, do que esta última ideia: Deus tem poder! – como se Deus efetivamente precisasse ter poder.

Ao atribuir qualidades a Deus, ao invés de simplesmente amá-lo, o homem necessitava de um referencial e o primeiro foi, sem dúvida, a si mesmo. Portanto, Feuerbach está correto ao afirmar que o Deus cultuado segundo a nossa racionalidade, não é mais do que uma projeção que parte daquilo que consideramos, em nós mesmos, fraqueza e dor para alcançar aquilo que imaginamos como força e felicidade suprema.

Este equívoco de criar um ídolo de Deus segundo a racionalidade humana, não se estabeleceu com o Iluminismo, mas se deu muito antes, pelos idos da Idade Média. Foi no Iluminismo, porém, que a árvore envenenada deu seus primeiros frutos.

Ao submeter Deus, sua própria representação metafísica, à condição humana, o Homem terminou por colocá-lo na rota que um dia desaguaria, inevitavelmente, no raciocínio feito pelos Mestres da Suspeita.

Colocar a culpa neles pelo que eles pensaram, seria como, *mutatis mutandis*, o agricultor reclamar do espinheiro que ele próprio plantou, pelos espinhos que deste brotam.

Tal percepção, acrescente-se, não se limitou aos Mestres da Suspeita – estes foram apenas aqueles que mais repulsa, ou até mesmo revolta, geraram por parte daqueles que viram neles inimigos, loucos ou não, de Deus e de seus seguidores.

Contemporâneo à Nietzsche, por exemplo, está Søren Aabye Kierkegaard (1813 a 1855) a sustentar que o homem está imerso no tempo – o instante (o tempo) possui um papel fundamental em sua existência – e a verdade só pode ser trazida até ele por alguém que está fora desta situação.

Também Heidegger (1889 a 1976) segue pelo mesmo caminho, ao destacar o equívoco cometido pelo Homem, quando este se esqueceu da diferença ontológica entre o ente o ser e “entificou” este último, passando a tratá-lo de uma forma objetiva, como meio de poder submetê-lo à sua racionalidade.

Conforme acima mencionado, se não mais existe dúvida quanto ao acerto da previsão, feita pelos Mestres, de que havia um abismo à nossa frente – mesmo porque o Homem já se encontra nele, a cair – é certo também que, apesar de uma otimista esperança na raça humana, Marx, Nietzsche ou Freud não ofereceram uma forma de nos desviarmos dele.

Falar de um “super-homem”, de uma raça de homens solidários e libertos da tirania econômica ou ainda de seus próprios traumas infantis, acreditando que a racionalidade humana seria capaz de não apenas resolver os problemas que ela própria criou, mas também nos conduzir ao paraíso terreno, soa um tanto quanto singelo, diante dos fatos históricos que se seguiram e mesmo da condição anômica da sociedade, no contexto atual.

Esse momento histórico, de dramáticos contornos, já foi vivido em outras oportunidades, por outros aglomerados humanos, como por exemplo, o período conhecido como a decadência do Império Romano que levou a civilização ocidental a mergulhar em um processo de desorientação e fragmentação da qual somente foi resgatado pelo Cristianismo.

Naquele período, a sociedade se perdeu de si mesmo, à semelhança do suicídio descrito por Émile Durkheim: as Instituições e os valores ainda estavam ali, mas tinham perdido seu significado e seu conteúdo – não eram mais do que cascas vazias.

O Homem está diante novamente deste desafio: aperfeiçoar-se não de forma racional – não será sua razão, muito menos sua técnica, a responsável por este aprimoramento. O aperfeiçoamento terá de ocorrer em sua alma, em seu espírito.

Deste passo, dependerá sua própria sobrevivência.

Um pequeno passo para o Homem. Um grande passo para a humanidade.

## REVISITING THE MASTERS OF SUSPICION

### ABSTRACT

This article reviews the panorama of ideas left by Marx, Freud, Nietzsche, titled the Masters of Suspicion, allying them with Feuerbach. In an overflight, the article aims to identify the transverse beam that crosses the thinking of the four philosophers, asking, above all, why their anguish.

Keywords: Marx. Freud. Nietzsche. Christianity. Anguish.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien.: Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERKENBROCK, Volney J. **O mundo religioso**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MINOIS, Georges. **História do ateísmo**: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**: texto integral. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008 (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).

SPENLÉ, J. E. **O pensamento alemão**: de Lutero a Nietzsche. Tradução Mário Ramos. 5. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1955. p. 7-26. (Coleção Studium).